

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

COORD. ISABEL BARCA
LUÍS ALBERTO MARQUES ALVES



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional
(XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)

COORDENAÇÃO

Isabel Barca

Luís Alberto Marques Alves

EDIÇÃO: CITCEM

Centro de Investigação Transdisciplinar
«Cultura, Espaço e Memória»

DESIGN:

by Scala | Graphic Performance

(de acordo com as normas CITCEM)

ISBN

978-989-8351-60-9

Porto, 2016

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.



DAR SENTIDO AO PASSADO A PARTIR DE MONUMENTOS DE MEMÓRIA, EXPLICAÇÕES DA PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NA GRANDE GUERRA POR ALUNOS DE 9ºANO

PAULA DIAS¹³

RESUMO

Neste poster, procurar-se-á dar a conhecer uma experiência de aprendizagem da História, tendo como propósito registar alguns elementos acerca da consciência histórica dos jovens participantes, perante a visualização e breve análise de monumentos de memória alusivos à participação dos portugueses na Primeira Guerra Mundial.

Partindo de um questionamento suscitado pela visualização/breve análise de um conjunto de monumentos que foram construídos em honra da participação de portugueses na Grande Guerra, alunos de duas turmas de 9º Ano de Amares construíram as suas explicações em torno da questão “Explica qual o significado da participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial?”, após terem estudado o tema nas aulas de História, recorrendo a uma metodologia da aprendizagem de cariz construtivista.

Neste trabalho, a professora procurou analisar o conteúdo das respostas escritas dos alunos acerca da questão em três vertentes: o modo explicativo, o conteúdo substantivo e elementos da sua consciência histórica.

Quanto ao modo explicativo, foram encontradas produções muito diversas que confirmam que, mesmo perante a mesma proposta de aprendizagem, os alunos aprendem de formas diferentes e produzem conhecimento em níveis de sofisticação diferenciados, cabendo ao professor a difícil tarefa de, partindo desta diversidade, orientar os alunos de forma diferente, porque a aprendizagem da História não é uma questão de tudo ou nada e, muito menos, de homogeneização de pensamento. Em termos de conteúdo substantivo, a maior parte dos alunos aponta dois ou mais motivos para a participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial, relacionados com o contexto português da época.

E, nesse contexto, acabam por justificar o balanço menos bom da participação portuguesa no conflito, nomeadamente em termos de custos humanos, relacionando-o com a construção dos monumentos visualizados. Uma pequena parte dos alunos já procura contrabalançar os aspetos negativos com alguns positivos, manifestando alguma capacidade de analisar a complexidade das situações históricas, em diferentes vertentes.

13 Agrupamento de Escolas da Póvoa de Lanhoso. pauladias50@hotmail.com.

Palavras-chave: Monumentos de Memória; Explicação Histórica; Aprendizagem da História; Consciência Histórica.

ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

Este trabalho é suportado em quatro aspetos teóricos:

Um aspeto é a aprendizagem da História relacionada com a investigação em educação histórica, com metodologias de cariz construtivista: Dickinson & Lee (1984); Shemilt (1984, 2000); Lee (1994, 2001, 2008) e Isabel Barca (2000, 2003, 2004), entre muitos outros. Esta linha de investigação tem demonstrado que as crianças e jovens compreendem a História de forma genuína, com algum grau de elaboração, se as tarefas, os contextos e as situações que lhes forem apresentados tiverem algum significado para elas. Também pressupõe uma postura ativa por parte do aluno, agente da sua aprendizagem, com as suas ideias prévias, a sua construção perante a diversidade de tarefas propostas, a sua participação na resolução de problemas, o seu fazer da História e o seu pensar sobre a História. Uma postura que deve ir para além de ouvir a narrativa do professor ou do manual adotado, tomar notas, para depois reproduzir nos instrumentos de avaliação formal.

Outro aspeto é o conceito de Explicação histórica, como um dos conceitos estruturantes do conhecimento histórico, através dos quais os alunos dão sentido à História (Lee, 1994) e entendido como uma resposta provisória a uma questão de tipo “Por quê?” que pode incluir ações, acontecimentos e situações do passado, pressupondo também a possibilidade de seleção de fatores de natureza e estatuto explicativo diferente (BARCA, 2000). Onde está subjacente uma inter-relação entre causas, factos e consequências para atribuir significado a uma determinada situação histórica. Trata-se de trabalhar a forma como os alunos explicam uma situação histórica, pois segundo Rüsen (2001), as narrativas dos alunos constituem-se como a face material da consciência histórica, através da qual se comunica a compreensão histórica e os sentidos que lhe são atribuídos.

Um terceiro aspeto, a Consciência histórica, que como refere Rüsen (2001, 2010), é a súmula das operações mentais com as quais os Homens interpretam a existência da evolução temporal do seu mundo e de si mesmos de tal forma, que possam orientar, intencionalmente, a sua vida prática no tempo. Portanto, faz parte da natureza intrínseca de todos os seres humanos, esta necessidade de orientação no tempo. Ela será tanto mais eficaz, quanto mais sofisticada for a sua literacia histórica e claro, isso dependerá do trabalho que for feito nas aulas de História, pois somente quando a História deixar de ser apreendida como a mera observação de um bloco de conhecimentos positivos e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que poderá ser apropriada produtivamente pelo aluno e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana.

E ainda, como aspeto a considerar, os lugares de memória no sentido que lhe é atribuído por Pierre Nora (1993). Para este autor, os lugares de memória podem ser

monumentos, uma personagem, uma estátua ou pintura, um museu, um arquivo, um símbolo, um evento ou uma instituição. Porém, segundo ele, estes sítios só se caracterizam como lugares de memória, se possuírem uma “vontade de memória”, uma intenção memorialista que garanta a sua identidade, onde se cristalizou a memória de uma sociedade, de uma nação e onde grupos ou povos se identificam ou se reconhecem. São exemplos dessa intenção memorialista os vários monumentos que foram construídos em memória da participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial, um pouco por todo o território nacional, em África e no Norte de França por parte dos governos da 1ª República e depois ao longo do Estado Novo.

METODOLOGIA

A partir da análise destes monumentos procurou-se desencadear, em contexto de aprendizagem da História, um processo de construção de conhecimento histórico a partir de um conjunto de materiais históricos selecionados e que culminaria na produção, por parte dos alunos, de narrativas acerca da questão central do estudo.

Participaram duas turmas de 9ºAno do Agrupamento de Escolas de Amares, num total de 41 alunos.

Os instrumentos foram as produções escritas elaboradas pelos alunos de resposta à questão: “Qual o significado da participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial?”.

O estudo tinha como objetivos indagar o modo explicativo apresentado pelos alunos nas suas produções (Explicação Histórica), investigar quais as causas, factos e resultados da situação, destacados por estes alunos (conhecimento substantivo) e por fim, retirar elementos do significado atribuído aos monumentos apresentados.

A experiência foi realizada em três momentos ao longo de quatro aulas de 45 minutos que aqui se descrevem:

1. Um primeiro levantamento de ideias prévias, na última questão da ficha diagnóstica no início do ano letivo. Nesta, foi proposta aos alunos a tarefa “Como já deves saber, em 2014 assinalam-se os cem anos do início da 1ª Guerra Mundial ou Grande Guerra. Portugal participou neste conflito mundial e por todo o país mandaram-se construir monumentos em honra dos soldados que nela combateram. Escreve um texto acerca do significado da participação de Portugal na Grande Guerra”. Com esta questão procuravam-se avaliar, não só, as competências de comunicação em História (mobilizando conhecimentos específicos e comunicando-os), como indagar as ideias prévias que eles possuíam acerca da temática, a fim de se preparar a intervenção educativa e de trabalho do tema.

2. Num segundo momento, no âmbito da lecionação do Domínio/Tema 9: A Europa e o Mundo no limiar do século XX: Subdomínio/Subtema: Apogeu e declínio da influência europeia: Objetivo 2. *Conhecer e compreender as causas e o desenrolar da 1.ª Grande Guerra* e Indicador: 5. *Descrever a participação de Portugal na 1.ª Grande Guerra*, foi planificada e concretizada uma aula de 90 minutos que constou do seguinte:

— Visualização e breve exploração de imagens (em PowerPoint) de dezoito monumentos de memória à participação de Portugal na Grande Guerra, construídos em território nacional de norte a sul, nas ilhas da Madeira e Açores e mesmo em França (La Couture e Richebourg, em Pas-de-Calais). Com esta sugestão procurou desenvolver-se ainda nos alunos, a capacidade de observação e de questionamento acerca de elementos patrimoniais que a maior parte das vezes lhes passam despercebidos no seu meio envolvente ou nas suas viagens. Durante a visualização destes monumentos, os alunos foram convidados a refletir e a registar o que lhes sugeriam os mesmos.

— Momento de aula oficina, em que os alunos, em trabalho de pares, consultaram e exploraram um conjunto de documentos em suporte digital (ver material histórico), disponibilizados numa pasta na DROPBOX, para responder, com registo no caderno ou num documento elaborado no computador, às seguintes questões de trabalho: *Como se vivia em Portugal no tempo da 1ª Guerra Mundial?; Por que razões/motivos Portugal participou na 1ª Guerra Mundial?; Como foi a participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial?; Quais os resultados da participação de Portugal na Guerra?; Que balanço se poderá fazer da participação de Portugal na Grande Guerra?* Estas questões, tinham como propósito, que os alunos construíssem uma imagem abrangente sobre a questão da participação de Portugal na guerra, que passava pelo contexto histórico português, pelos motivos que levaram os portugueses a participar no conflito, a descrição da participação das tropas portuguesas, as consequências dessa participação e por fim, que avaliassem, comparando contexto, motivos, participação e resultados, qual o significado da participação de Portugal no conflito.

— No final da aula foi feita uma breve síntese, com a apresentação oral de algumas respostas às questões trabalhadas, por alguns alunos. Os alunos receberam então instruções para complementar e consolidar esta pesquisa em trabalho extra aula.

3. No terceiro momento, numa aula de 45 minutos, foi proposta aos alunos a elaboração de produções escritas de resposta à seguinte tarefa: “A Partir da análise de vários monumentos de memória da participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial, visualizados na aula e após teres trabalhado e investigado sobre o tema, explica qual o significado da participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial”. As respostas a esta tarefa integraram a 1ª Ficha de avaliação formal dos alunos e foram o instrumento principal de recolha de dados deste pequeno trabalho.

MATERIAL HISTÓRICO

O Material que foi utilizado nesta experiência nos três momentos, foi:

— Uma apresentação com fotografias dos vários monumentos alusivos à participação de Portugal na Grande Guerra: Procuraram selecionar-se monumentos com alguma diversidade, em termos de mensagem e de imagem. O seu conteúdo oscilava entre a simples lista de mortos na guerra “Pela pátria”, monumentos simples em honra dos mortos daquela localidade, até conjuntos escultóricos complexos, nos quais, cada pormenor simbolizava ideais que procuraram justificar a entrada de Portugal na guerra. Com isto, procurava lançar-se as bases de uma identidade coletiva unificadora, cívica e heroica, levada a cabo pelos governos da 1ª República, Ditadura Militar e continuada durante o Estado Novo.

— Um dossiê digital com alguns documentos selecionados (artigo de 2 páginas da Revista Visão – História de junho 2014; cronologia que incluía alguns acontecimentos relevantes entre 1914 e 1919; apresentação geral acerca do tema – contexto da 1ª República; algumas datas da participação de Portugal na guerra: cenários onde participaram tropas portuguesas; fotografias da participação de Portugal; alguns números de mobilizados; esquema com resultados da guerra; página da *Wikipédia* sobre o tema e um texto de Isabel Pestana Marques “Os Portugueses nas trincheiras”, publicado no Diário de Notícias de 19 de janeiro de 1992).

— Páginas do manual adotado.

A ANÁLISE DE DADOS

A análise do conteúdo das respostas dos alunos foi uma análise qualitativa e aplicando os três tipos de codificação sugeridos por Strauss e Corbin (1991).

Nas narrativas dos alunos foram procurados os seguintes elementos: o tipo de explicação apresentada quanto ao modo explicativo; o conteúdo substantivo (contexto, motivos, participação e resultados da participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial) e o significado atribuído aos monumentos, após o estudo do tema.

Quanto ao modo explicativo, as respostas obtidas foram categorizadas em 5 níveis de elaboração, com convergência em vários estudos feitos em educação histórica, nomeadamente, Lee (2000, 2001, 2008), Shemilt (2000), Barca (2000), entre outros e que se descrevem seguidamente:

- **Fragmentos** – Encontrados num pequeno número de respostas constituídas por ideias soltas e sem grande lógica.
- **Explicações alternativas ou de Senso Comum** (10 respostas) – explicações alternativas que apresentam erros históricos que acabam por desviar-se do assunto pedido, mostrando uma compreensão muito limitada do mesmo. As explicações de senso comum apresentam motivos de carácter geral (maioritariamente 1 único motivo), sem precisão histórica. Neste nível, considerado como não válido em níveis científicos, foram categorizadas bastantes respostas. O que será um aspeto a tentar explorar com estes alunos, no sentido de uma maior sofisticação do seu pensamento, pois, apesar de terem passado pelas experiências educativas já descritas, continuaram a apresentar níveis de pensamento muito incipientes em relação ao assunto. Daí a pertinência da diferenciação pedagógica numa mesma turma, pois não basta apresentar as mesmas metas e propor a mesma intervenção educativa, porque os alunos pensam a níveis diferentes, que têm que ser diagnosticados, consciencializados e melhorados de forma diferenciada.
- **Explicações simples** – (10 respostas) que apresentam só um motivo para a participação de Portugal na guerra e depois explicam esse fator único: ou para defender as colónias ou para garantir a defesa das fronteiras em relação à ameaça espanhola ou alemã. Centram-se no apresamento dos navios alemães e na consequente declaração de guerra e depois falam dos resultados negativos relacionados com os monumentos visualizados. Outras respostas, categorizadas neste nível, são meramente descritivas: apresentam todo o contexto português, referem a entrada na guerra, não apresentam motivos, falam apenas dos problemas da participação de Portugal na guerra e do impacto humano da mesma em nome do qual referem os monumentos. As respostas deste nível exigem um trabalho diferente, do que as do nível anterior, que passará pelo estabelecimento de relações de causalidade entre as situações históricas ou então pelo alargamento e complexificação das explicações históricas, desenvolvendo o carácter de multicausalidade que marca a explicação histórica.
- **Explicações contextualizadas restritas** – com um número considerável de respostas (9 respostas em 41), que apresentam uma trama explicativa complexa com uma introdução incluída na guerra na sua generalidade, o contexto que se vivia em Portugal e nele integram 2, 3 ou 4 motivos para a entrada de Portugal na guerra, relacionados entre si. Referem as datas alusivas a esta participação. Quanto ao impacto/balanço da guerra só referem os custos humanos, relacionando com este sacrifício, os monumentos que foram mandados construir em homenagem aos soldados participantes.
- **Explicações contextualizadas alargadas** – Com apenas 3 respostas, estas são produções com uma trama explicativa complexa, onde integram contexto português, motivos, participação, impacto em Portugal e balanço relacionado com os monu-

mentos. Fazem referência breve aos problemas enfrentados pelas tropas portuguesas na guerra, ao impacto da guerra em Portugal com referências a várias consequências. Terminam com o balanço da guerra relacionado com os monumentos apresentados, ponderando os aspetos negativos e os aspetos positivos.

Quanto ao conteúdo substantivo, os motivos/razões para a participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial referidos pelos alunos, foram: a defesa das colónias em África; a defesa de um eventual ataque espanhol na fronteira e dos submarinos alemães no Atlântico; a afirmação interna e externa da 1ª República; a afirmação perante a Grã-Bretanha; a aliança com a Inglaterra; o desejo de alcançar prestígio internacional; a afirmação da independência e a defesa da pátria.

Relativamente à participação de Portugal no conflito, estes alunos destacaram situações como o envio de tropas para as colónias africanas em 1914; o apresamento dos navios e a declaração de guerra da Alemanha a Portugal em março de 1916; a mobilização de tropas de todo o país (referências à falta de preparação e à sua fraqueza); a ação de algumas figuras, nomeadamente, de Carvalho Araújo; a partida do CEP para a Flandres; o abandono dos soldados na Flandres e a batalha de La Lys, sem data, mas como a mais importante, associada ao seu resultado desastroso.

Quanto aos resultados/impacto, estes alunos destacam as consequências negativas como o grande número de soldados mortos, feridos, inválidos, prisioneiros e desaparecidos; o agravamento da situação interna do país, com a grande instabilidade política, agitação e oposição à guerra, problemas de falta de alimentos, inflação, distúrbios sociais, descrédito nos governos republicanos, atentados; agravamento do custo de vida; o aumento das despesas e do endividamento do Estado republicano; o surgimento da República Nova de Sidónio Pais e a Ditadura Militar que pôs fim à 1ª República. Mas, apontam também algumas consequências positivas, como: a participação de portugueses na cerimónia da vitória e nos tratados de paz ao lado dos vencedores; o facto de Portugal ter garantido a posse das colónias e a afirmação da mulher.

Quanto ao significado atribuído aos monumentos, para estes alunos, eles foram construídos para “dar alguma fama e honra a esses milhares de militares que sofreram com a guerra em nome da pátria portuguesa”; para “dar conforto às famílias que os perderam”; para “homenagear os combatentes ou os milhares de mortos na 1ª Guerra Mundial”; para “homenagear a participação da mulher” (interpretação simplista devido à presença de figuras femininas); “estão relacionados com o culto dos mortos pela pátria”; “representam o sofrimento pela honra e pela pátria”; “são para memorizar a participação na guerra e em honra dos Portugueses que morreram por nós”; “representam a coragem, a força e a lealdade dos Portugueses”; “são marcas da nossa participação na guerra”; “representam os soldados portugueses na grande guerra: as suas vestes, as suas armas e alguns nomes importantes” e também para “relembrar os grandes militares”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este pequeno trabalho demonstra que os alunos pensam sobre a História em níveis historicamente válidos, mas de diferente sofisticação de pensamento, desde que sejam orientados por questionamentos significativos e recorrendo a metodologias que coloquem o centro no trabalho de construção de conhecimento por parte dos alunos.

Aos alunos, deverá ser proposta a construção das suas próprias explicações/narrativas do passado, para além da mera reprodução nas fichas de avaliação do que ouviu do professor ou do que memorizou da explicação do manual adotado. Esta construção deverá ser sustentada na análise e cruzamento de fontes de informação diversificadas, através de questionamentos claros e adequados ao nível etário dos alunos.

Ao professor, cabe um papel fundamental de investigador e orientador constante nessa complexificação do pensamento histórico de cada aluno e não de mero narrador e controlador de resultados.

A proximidade do elemento histórico e a sua utilização nas aulas de História é uma motivação extra que pode condicionar grandemente o grau de sentido/sentidos que os jovens atribuem ao passado. Por isso, sempre que haja elementos patrimoniais disponíveis, eles deverão ser incluídos e considerados na sala de aula, questionados e enquadrados no pensamento histórico dos jovens. Pois, há situações históricas que pela sua distância em relação aos alunos, acabam por não ter grande significado para eles, se não houver um esforço de aproximação por parte do professor.

Os alunos parecem distinguir os elementos históricos dos elementos simbólicos de memória. Em bom número de casos, conseguem identificar os pressupostos que estiveram por detrás dessa perpetuação da memória e até contextualiza-los.

Urge investigar e diversidade de tarefas que pode ser mais eficaz no desenvolvimento da capacidade de mobilizar a compreensão do passado para a orientação temporal presente e futura, tão essencial a cada ser humano. De como tornar a História, efetivamente, um elemento estruturante da orientação de vida de cada Ser Humano.

ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCA, I. (2000) – *O pensamento Histórico dos Jovens*. Braga: CEEP – Universidade do Minho.
- BARCA, I. (2003) – *Museus e identidades*. In BARCA, Isabel, org. – *Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, pp. 97-104
- BARCA, I. (2004) – *Para uma Educação Histórica de Qualidade: Aula Oficina: Do projeto à Avaliação*. In BARCA, Isabel, org. – *Actas das IV Jornadas de Educação Histórica*. Braga: CIED-UM, pp. 131-144.
- DIAS, P. (2005) – *As explicações dos alunos sobre uma situação histórica: um estudo com alunos do 3ºCiclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado em Educação. Área de Supervisão Pedagógica do Ensino da História. Braga: UM: IEP.
- DICKINSON, A. & Lee, P. (1984) – *Making sense of History*. In A. Dickinson; P. Lee & P. Rogers, eds. – *Learning History*. London: Heinemann, pp. 117-153.
- FOSNOT, T.C. (1999) – *Construtivismo e Educação. Teoria, perspectivas e prática*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LEE, P. (1994) – *Progression in children's history*. “Tsing Hua Newsletter for teaching history”, 3, pp. 5-13.
- LEE, P. (2001) – *Progression in Students' understanding of the discipline of History*. In *Perspectivas em educação histórica*. In BARCA, Isabel, org. – *Actas das I Jornadas internacionais de Educação Histórica*. Braga: CEEP – Universidade do Minho, pp. 13-28.
- LEE, P. (2008) – *Educação Histórica, Consciência Histórica e Literacia Histórica*. In BARCA, Isabel, org. – *Actas das VII Jornadas de Educação Histórica: Estudos de Consciência Histórica na Europa, América, Ásia e África*. Braga: CIED-UM, pp. 11-32.
- NORA, Pierre (1993) – *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. “Revista Projeto História”. São Paulo, v. 10, pp. 7-28.
- RÜSEN, J. (2001) – *Razão Histórica*. Brasília: Universidade de Brasília.
- RÜSEN, J. (2010a) – *Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso Alemão*. In SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. & MARTINS, E. R., org. - *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba-Paraná: Editora UFPR, pp. 23-40.
- RÜSEN, J. (2010b) – *O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral*. In SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. & MARTINS, E.R., org. - *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba-Paraná: Editora UFPR, pp. 51-77.
- SCHMIDT, M.A; BARCA, I; MARTINS, E., org. (2010). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR.
- STRAUSS & CORBIN, A. S. (1991) – *Basic of qualitative research. Grounded Theory, procedures and techniques*. Newbury Park: Sage.

WEBGRAFIA

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra.

[Disponível online em: www.momentosdehistoria.com]